QUEM É VOCÊ? ACEITA RESPONDER?

Prof. Clauber Magela Freire Krieck[1]

A existência humana é uma bela viagem a qual ganhamos de presente. Nessa viagem somos convidados a contemplar as paisagens e a nos encantar com as surpresas que algumas estações nos proporcionam... Mas nunca podemos perder de vista o horizonte da volta, o voltar para casa. Se durante a viagem desviamos o olhar do horizonte, corremos um grande risco de nos perder pelo caminho, de nos esquecer, de esquecer de nós mesmos, de esquecer de onde viemos e para onde estamos indo, de perdermos a nossa identidade.

Conta a história que um pai, com sua sabedoria existencial, sempre dizia ao seu filho mais velho: "meu filho, minha viagem está terminando, eu aproveitei cada estação, mas não sou daqui". A consciência do que sou, de quem eu sou é a garantia de uma viagem sem desvios.

Nesta viagem, chamada de existência, todos nós temos um diário de bordo onde tudo fica registrado. Este diário é a nossa história, o nosso passado. Esse registro vai definindo a nossa verdadeira identidade, como dizia Sartre, o grande filósofo existencialista: "No mundo, somos Seres-para-si, onde posso ver minha essência em retrospecto", ou seja, seres que constroem sua identidade através de suas escolhas.

Essa identidade pessoal é a maneira pela qual as pessoas enxergam a si mesmas e tal identidade está intimamente relacionada à própria imagem. É importante ressaltar que é a maneira como o ser humano enxerga a si mesmo e não como os outros o veem. A maneira como os outros nos enxergam, muitas vezes, é o que passamos para eles, aquilo que a sociedade nos obriga a passar, ora para sermos aceitos, ora para sermos inclusos, etc.

Também, em alguns momentos, passamos a imagem daquilo que gostaríamos de ser e não daquilo que realmente somos; a não aceitação do que sou. E nesse faz de conta de ser alguém que gostaríamos de ser, corremos o risco de perdermos a nossa identidade... Identidade construída no nosso íntimo, através da nossa história, de nossos valores, sentimentos, escolhas e sonhos. Aquilo que está no mais profundo do ser, nossa essência.

---

[1] Filósofo e teólogo; professor de Ensino Religioso no Colégio Vicentino Santa Cruz, de Campo Mourão/PR. ckrieck@yahoo.com.br

Nesta viagem existencial, todo viajante tem uma bússola que o instrui e orienta. Essa bússola[2] que o ser humano tem dentro de si é a sua própria consciência. Uma definição de consciência magnífica é a que temos na *Gaudium et Spes*[3] que define consciência assim:

> "No fundo da própria consciência, o homem descobre uma lei que não se impôs a si mesmo, mas à qual deve obedecer; essa voz, que sempre o está a chamar ao amor do bem e fuga do mal, soa no momento oportuno, na intimidade do seu coração: faze isto, evita aquilo. O homem tem no coração uma lei escrita pelo próprio Deus; a sua dignidade está em obedecer-lhe, e por ela é que será julgado. A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser. Graças à consciência, revela-se de modo admirável aquela lei que se realiza no amor de Deus e do próximo. Pela fidelidade à voz da consciência, os cristãos estão unidos aos demais homens, no dever de buscar a verdade e de nela resolver tantos problemas morais que surgem na vida individual e social. " (GS 16).

A *Gaudium* nos ensina que a dignidade do ser humano está em obedecer à lei que Deus escreveu em seu coração. E que a consciência, nossa bússola humana, é um santuário onde nos encontramos a sós com o Próprio Deus e nessa intimidade ouvimos sua voz. Ou seja, é necessário aprender a olhar para dentro de si mesmo. É no nosso interior que encontraremos as respostas que tanto buscamos e a nossa verdade substancial. "Faze isto, evita aquilo", são as nossas placas de trânsito que estão ali unicamente para nos orientar, a decisão de ouvir o "faze isto, evita aquilo", de seguir as orientações das placas é nossa. Santo Agostinho é um exemplo perfeito que quando olhamos para o nosso interior descobrimos ou redescobrimos nossa identidade.

> Tarde Te amei, ó Beleza tão antiga e tão nova... Tarde Te amei! Trinta anos estive longe de Deus. Mas, durante esse tempo, algo se movia dentro do meu coração. Eu era inquieto, alguém que buscava a felicidade, buscava algo que não achava... Mas Tu Te compadeceste de mim e tudo mudou, porque Tu me deixaste conhecer-Te. Entrei no meu íntimo sob a Tua Guia e consegui, porque Tu Te fizeste meu auxílio. Tu estavas dentro de mim e eu fora. Durante os anos de minha juventude, pus meu coração em coisas exteriores que só faziam me afastar cada vez mais d'Aquele a Quem meu coração, sem saber, desejava... Eis que estavas dentro e eu fora! Seguravam-me longe de Ti as coisas que não

[2] A bússola significa proteção e orientação, pois indica o caminho e as direções a tomar para se chegar a um lugar, ou a uma meta, de modo a se chegar ao destino desejado em segurança. A bússola simboliza também uma necessidade de mudança, ou o desejo de encontrar um rumo na vida. Por outro lado, a bússola pode simbolizar o vínculo com o lugar de origem, com o lar, com a família e com as raízes. Ou seja, o lugar para onde se deseja voltar (Dicionário de Símbolos).

[3] Documento da Igreja promulgado no Concílio Vaticano II (1962-1965) que trata da relação da Igreja com o mundo moderno. *Gaudium et spes* = Alegrias e esperanças.

existiriam senão em Ti. Estavas comigo e não eu Contigo. Mas Tu me chamaste, clamaste por mim e Teu grito rompeu a minha surdez. Assim me encontrava, chorando desconsolado, enquanto perguntava a mim mesmo quando deixaria de dizer "Amanhã, amanhã"... Foi então que escutei uma voz que vinha da casa vizinha... Uma voz que dizia: "Pega e lê. Pega e lê!". Brilhaste, resplandeceste sobre mim e afugentaste a minha cegueira. Então corri à Bíblia, abri-a e li o primeiro capítulo sobre o qual caiu o meu olhar. Pertencia à carta de São Paulo aos Romanos e dizia assim: "Não em orgias e bebedeiras, nem na devassidão e libertinagem, nem nas rixas e ciúmes. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo" (Rm 13,13s). Aquelas Palavras ressoaram dentro de mim. Pareciam escritas por uma pessoa que me conhecia, que sabia da minha vida. [...] Provei-Te, e, agora, tenho fome e sede de Ti. Tocaste-me, e agora ardo por Tua Paz. Vi dentro de mim a Luz Imutável, Forte e Brilhante! Quem conhece a Verdade conhece esta Luz. Ó Eterna Verdade! Verdadeira Caridade! Tu és o meu Deus! Por Ti suspiro dia e noite desde que Te conheci. E mostraste-me então Quem eras. E irradiaste sobre mim a Tua Força dando-me o Teu Amor! [...] 8. Tarde te amei! Tarde Te amei, ó Beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu Te amei! Eis que estavas dentro, e eu, fora – e fora Te buscava, e me lançava, disforme e nada belo, perante a beleza de tudo e de todos que criaste. Estavas comigo, e eu não estava Contigo. [..] Exalaste o Teu Perfume e, respirando-o, suspirei por Ti, Te desejei. Eu Te provei, Te saboreei e, agora, tenho fome e sede de Ti. Tocaste-me e agora ardo em desejos por Tua Paz! (Santo Agostinho, Confissões 10, 27-29).

Santo Agostinho nos mostra que a nossa verdadeira identidade é indelével, é inata... podemos perdê-la por algum tempo, afugentá-la por não a aceitar, etc. Mas ela sempre está ali, pertinho de nós... "Eis que estavas dentro de mim e eu fora", é imprescindível aprender a olhar para dentro de si porque os homens saem para fazer passeios, a fim de admirar o alto dos montes, o ruído incessante dos mares, o belo e ininterrupto curso dos rios, os majestosos movimentos dos astros. E, no entanto, passam ao largo de si mesmos. Não se arriscam na aventura de um passeio interior. A verdade da nossa identidade está no nosso íntimo.

Corremos um grande risco de perder a nossa identidade quando deixamos de ouvir a voz interior e ouvimos a voz do mundo. Quando ouvimos as "verdades" que outros formulam sobre nós e acreditamos nelas perdemos nossa essência, nossa identidade e passamos a viver segundo os conceitos que outros têm de nós. Um exemplo é de quando ouvimos: você é um fracassado, você nunca vai ser nada, você é um burro, etc...

Essas são algumas mentiras que criam sobre nós (a verdade que outros têm de nós) e que nós corremos um grande risco de acreditar e passar a existência toda sendo aquilo que os

outros disseram que nós éramos. E a existência é curta, a viagem é curta... Isto acontecerá se não soubermos realmente quem somos nós.

Quem é você?[4] Esta é uma pergunta que é necessário respondermos para nós mesmos, cada um a sua, com a sua verdade, com a sua história. Esta resposta não inclui o que os outros pensam de mim. Não é quem sou eu para os meus pais, para o meu esposo, para mim esposa, para os meus amigos etc. É quem sou eu para mim mesmo, sem disfarces, sem máscaras, sem jogos. Esta resposta somente eu posso dar a mim mesmo. Pois a resposta verdadeira se encontra no meu interior, na minha história, no meu passado.

Quem é você? É uma pergunta que exige uma resposta complexa, profunda e verdadeira. Para respondermos a esta pergunta podemos usar como itinerário o nosso interior, a nossa essência, o livro de Antoine de Saint-Exupéry, "Pequeno Príncipe". Analisando a vida do Pequeno Príncipe, seu planeta, seus conflitos (baobás, vulcões), seus relacionamentos (rosa, raposa), e o encontro com outras personalidades (visita do Pequeno Príncipe a sete planetas: rei, vaidoso, bêbado, empresário, acendedor de lampiões, geógrafo e a Terra), traremos para a nossa realidade pessoal a existência do Pequeno Príncipe.

Os baobás e os vulcões podemos encarar como os desafios cotidianos, problemas que enfrentamos que muitas vezes vencemos e algumas somos vencidos. No relacionamento do Pequeno Príncipe com a rosa analisaremos o sentido da existência; no relacionamento com a raposa consideraremos o conceito amizade que nutre uma relação, a magia do cativar e se deixar cativar, do criar laços. Na sua visita aos planetas analisaremos algumas personalidades de pessoas que encontramos no decorrer da nossa existência.

O livro de Exupéry nos relata a história de um principezinho que CUIDAVA DIARIAMENTE do seu planeta. Que eliminava seus baobás ainda quando eram pequenos, pois não podia deixar crescer com medo deles acabarem com seu planeta. Que removia seus vulcões com cuidado. Por ele cuidar diariamente de seu planeta, um dia apareceu uma plantinha diferente dos baobás, ele a deixou crescer e percebeu que logo ela se tornou uma rosa pela qual ele se encantou. Se ele já cuidava de seu planeta, agora ele cuidava muito mais, tudo que fazia, fazia para o bem da rosa. Ela o fazia acreditar que ela era a única rosa de todo universo.

A rosa tem uma personalidade forte e chega um momento no relacionamento dos dois que o Pequeno Príncipe, não dá conta e parte viajar. Nesta viagem ele conheceu um rei, autoritário, que gostava de mandar. Um vaidoso, que só pensava em si mesmo. Um bêbado, que bebeu para esquecer; um empresário, que não tinha tempo. Um acendedor de lampiões que pensava que a vida era só suas tarefas. Um geógrafo que teoricamente sabia muito, mas de prática não sabia muito. E finalmente chegou a Terra onde encontrava a raposa que lhe ensinou grandes verdades: que o que cativamos se torna único para nós, que a vida precisa de ritos, que o essencial é invisível

[4] Dentro da dimensão cristã, além de nós mesmos, somente o Criador nos conhece como somos, nossa verdade, nossa essência, nossa verdadeira identidade. Podemos comprovar isso em alguns textos bíblicos. "Iahweh, tu me sondas e conheces: conheces meu sentar e meu levantar, de longe penetras o meu pensamento; examinas meu andar e meu deitar, meus caminhos todos são familiares a ti." Sl 139,1-3.

para os olhos, só se vê bem quando se vê com o coração e que nós nos tornamos eternamente responsáveis por aquilo que cativamos.

A história apresentada pode nos ajudar a encontrar ou reencontrar nossa identidade, nossa essência. Quando me coloco no lugar do Pequeno Príncipe e me questiono: como tenho cuidado do meu planeta, ou seja, da minha vida, tenho cuidado diariamente de tudo o que acontece na minha existência? Cuidar exige tempo, dedicação e compromisso; dou importância aos meus baobás e vulcões? Ou seja, me preocupo com o meu interior, com os meus sentimentos, com os meus pensamentos? Preocupação exige disponibilidade em ajudar; quem é a minha rosa? Ou seja, "quem" ou "o que" é o sentido do meu planeta, da minha vida, da minha existência? Descobrir e dar sentido exige disponibilidade; tenho alguma raposa em minha vida? Ou seja, já fui cativado por alguém? Já cativei alguém? Cativar, criar laços exige tempo, dedicação e ternura.

Podemos continuar a refletir: nos meus relacionamentos o quanto sou autoritário? Por que tenho a necessidade de me sentir superior aos outros, de estar sempre certo? Por que não aceito ser contrariado? (rei); por que muitas vezes tenho olhos somente para mim mesmo, olhar este superficial, para o físico, para a casca, a máscara? (vaidoso); por que tenho a necessidade de me sabotar, ou seja, me entupir de remédios para fingir que meus baobás não existem? (bêbado); por que não tenho mais tempo para mim e para os meus? (empresário); por que mergulho no trabalho sem querer emergir? Seria uma fuga de mim mesmo? (acendedor de lampiões); por que tenho medo de colocar em prática o que sei na teoria? De dizer: eu te amo, você é importante, me perdoe, etc? (geógrafo).

Quando começo a encontrar, reencontrar e elaborar outras respostas à essas perguntas, começo e me ver como realmente sou, ou melhor, o que realmente sou. A minha identidade, a minha essência que muitas vezes fica pelo caminho[5] (Como diz Fernando Pessoa, às vezes ficamos pelo caminho). Na medida em que essas respostas são elaboradas de uma maneira simples e honesta, coloco-me diante de mim mesmo e consigo responder à pergunta crucial da minha existência: Quem sou eu? Essa resposta estabelece a minha identidade genuína, aquilo que sou na essência. Como Santo Agostinho posso dizer: "Estava dentro de mim", podemos novamente seguir a lei inscrita

---

[5] "A criança que fui chora na estrada.
Deixei-a ali quando vim ser quem sou;
Mas hoje, vendo que o que sou é nada,
Quero ir buscar quem fui onde ficou.

Ah, como hei-de encontrá-lo? Quem errou
A vinda tem a regressão errada.
Já não sei de onde vim nem onde estou.
De o não saber, minha alma está parada.

Se ao menos atingir neste lugar
Um alto monte, de onde possa enfim
O que esqueci, olhando-o, relembrar,

Na ausência, ao menos, saberei de mim,
E, ao ver-me tal qual fui ao longe, achar
Em mim um pouco de quando era assim" Fernando Pessoa

em nossos corações, podemos novamente no santuário que existe dentro de nós, ouvir "faze isto, evita aquilo".

Desta maneira, quando descobrimos nossa verdadeira identidade, não aquela que os outros estabelecem, estabelecemos harmonia com a nossa existência. Beleza e harmonia nos nossos relacionamentos com o outro, com o mundo e, principalmente, com o Criador.

Deste modo, concluímos que a existência é uma dádiva divina, uma viagem que ganhamos de presente e que temos um período curto para apreciá-la. Nessa viagem, não podemos correr o risco de perder nossa essência, nossa identidade. Correr o risco de acreditar no que os outros dizem que nós somos. Só nós sabemos das nossas lutas, de nossos sonhos e projetos, por isso, somos os únicos conhecedores da nossa verdade, da nossa essência, da nossa identidade.

Enfim, nosso grande desafio: Quem é você? Aceita responder?

Questões para reflexão.

1. No momento em que estou da minha existência/viagem, quais são os meus vulcões, meus baobás?

2. Quem ou o que é a minha rosa?

3. Em minha viagem existencial, já encontrei alguma raposa, ou seja, alguém que tenha me cativado, criado laço e se tornado único para mim?

4. Ainda consigo ouvir a voz da minha consciência, ou seja, de meu Criador que ressoa dentro de mim?

5. Eu sei quem realmente sou para mim mesmo?

→Bibliografia:

AGOSTINHO, S. *Confissões*. Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril, 1973.

BÍBLIA – *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et spes.* São Paulo: Paulus, 1997.

PESSOA, Fernando/Alberto Caeiro. *Seleção Poética*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro: Agir, 2009.